

URBANIZAÇÕES TEMÁTICAS

arquiteturas do desejo

As cópias e as imitações sempre tiveram má reputação no mundo das artes, mas esse juízo negativo vem mudando nas últimas décadas. As cópias e as imitações foram tidas, desde Platão, como algo inferior e de pouco valor com relação ao original, à idéia. No entanto, se, durante tantos séculos, nos vimos, conscientemente ou não, influenciados pela posição platônica, esse julgamento negativo vem mudando desde que as cópias assumiram outra condição ontológica. Essa mudança, que se inicia com a industrialização e a sociedade de massa, tem hoje uma acelerada ascensão. Desde então, elas vêm sendo julgadas, especialmente no campo da arquitetura e do urbanismo, há pelos menos três décadas, como algo não apenas positivo e desejado, como construído.

Refiro-me a dois processos relacionados aos espaços da cidade: a revitalização de seus centros históricos, e a proliferação de certo "modelo" de condomínio fechado. Esses dois processos podem ser encontrados em Salvador. É certo que cada caso tem suas particularidades e leis próprias, mas apresentam algo em comum.

Qualificativos como espetáculo, simulacro, cenográfico, desrealização e virtualidade real são utilizadas por especialistas em suas interpretações desses fenômenos, que já contam com uma vasta bibliografia, sendo Guy Debord e Jean Baudrillard, provavelmente, seus primeiros teóricos, com suas originais concepções de espetáculo e simulacro, respectivamente. Esse será nosso fio condutor, já que os projetos citados são geograficamente muito diferentes e diferem também em escalas e épocas.

Os centros históricos

Os processos de "revitalização" pelos quais passaram os centros históricos de grandes cidades européias, destinadas ao turismo, não têm mais como objetivo atender às necessidades urbanas tradicionais, como, por exemplo, a necessidade de habitações para sua população. Ainda que seja bem conhecida a polêmica sobre o melhor método e a melhor forma de revitalização, proteção, conservação, reutilização (a pluralidade dos termos e de outros muitos vinculados ao assunto já mostra a complexidade do tema), que resultou em estudos aprofundados desenvolvidos por especialistas, interessa-me apenas na medida em que sua recepção pode ser interpretada como uma cópia e um simulacro.

Não se quer afirmar, com isso, que essas áreas da cidade e seus edifícios não se possam adequar a novos usos, mas o que se constata é um tipo de reprodução virtual delas mesmas, quando se conservam apenas as antigas fachadas, reconstruindo todo o interior, apagando seu passado e transformando-as em cenografias

que escondem sua história e os problemas relacionados à falta de habitação de sua população.

Seus idealizadores mostram apenas símbolos e imagens que condizem com a história e a memória de um passado que agora é reescrito pelos interesses econômicos e sociais de uma determinada classe, ou grupo, social. Transformam os centros históricos em *shopping mall*, ou em parques temáticos, ou em outros construtos similares. Não se trata de casos isolados: isso vêm ocorrendo, praticamente, em todas as metrópoles destinadas ao turismo.

É o que se pode ver no Pelourinho. Nele, não há mais símbolos reconhecíveis da resistência e da vida dos escravos, da crueldade das relações sociais então ali estabelecidas e, posteriormente, dos problemas relacionados às pessoas que aí habitavam antes da "revitalização" e que foram expulsas, nem das antigas funções das casas (os quintais foram transformados em praças de *show*). Agora, essa história já não pode ser lida, seus símbolos já não narram, foram apagados, dissimulados, substituídos pelos da sociedade de consumo de ficções e de imagens, próprios do processo de *gentrification*, enobrecimento, espetacularização, simulação.



Figura 01
Autor desconhecido. *Largo do Pelourinho*. 1 fotografia, color.
Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/com024/salvador/images/pelo2.jpg>>
Acesso em: 14 maio 2007

Uma cópia, ou simulacro, do casario do Pelourinho foi realizada na Costa do Sauípe (complexo privado de turismo e lazer, situado à beira-mar, a cerca de 75 km de Salvador), dentro do que era antes uma reserva ecológica. Ali, o turista pode encontrar, além dos serviços dos hotéis cinco estrelas, a reprodução do ambiente do Pelourinho, com baianas vendendo acarajé, artesanato, capoeira, enfim,

a essência da "baianidade", segundo a propaganda das agências de viagens. Mesmo que o original se encontre disponível a uma média distância, ele apresenta inconvenientes: pavimentação inadequada, calçadas estreitas, calor, vendedores ambulantes, mendigos, enfim, demasiada realidade.

Espaços dublados, duplicados, que mimetizam, copiam, imitam ou simulam outros, começaram a ter uma aparição massiva em várias cidades do mundo – Berlim e Barcelona dentre outras –, desde a década de setenta, projetados por destacados nomes da mídia arquitetônica.



Figura 2
Autor desconhecido. Pousada Pelourinho. 1 fotografia, color.
Disponível em: <<http://midia.brasilviagem.com/jpg/152636.jpg>>
Acesso em: 14 maio 2007



Figura 3
Autor desconhecido. Pousada Gabriela. 1 fotografia, color.
Disponível em: <<http://midia.brasilviagem.com/jpg/152634.jpg>>
Acesso em: 14 maio 2007

Vitrines, anúncios luminosos, restaurantes, aeroportos, *water-fronts*, igrejas convertidas em museus, e mais museus são insuficientes: agora, são bairros inteiros que servem de demarcação para o ócio e a diversão. Ou ainda cidades inteiras, convertidas em uma versão idealizada de si mesmas, cujos centros históricos praticamente já não se empregam para residir. As cidades são palcos, são cenários onde os atores protagonistas são visitantes, sejam seus habitantes ou os turistas-fotógrafos que buscam os melhores ângulos para as fotos, de preferência os mesmos dos cartões postais.

Durante o período que vai do século XVIII a meados do XX, as cidades se localizavam e gravitavam em torno das matérias-primas da produção industrial, no capitalismo de consumo,

e cresceram como centros de serviços e comércio. Mas, em mais uma metamorfose do sistema, soma-se aos atributos anteriormente citados outra e recente matéria-prima: o ócio, a diversão, o carnaval, as celebridades (instantâneas ou não), atores, cantores, jogadores de futebol, enfim, o *show business* e a cultura do entretenimento. Essa é a nova matéria-prima das cidades. *Las Vegas* talvez tenha sido o primeiro artilhário urbano com essas características. Depois constatou-se que a concepção de Robert Venturi não se resumia a ser uma mera proposta

aparentemente inocente ou equivocada.¹ Mesmo as áreas da cidade que não passaram por essas mudanças e seus residentes, supostamente alheios a esse processo, agora compõem o cenário como extras.



Figura 4
Autor desconhecido. Aeroclub Plaza Show. 1 fotografia, color.
Disponível em < http://www.lagoapraia.com.br/img/hotel/foto_aeroclube.jpg>
Acesso em: 14 maio 2007

O êxito dessa estratégia de simulação dos centros históricos, ou até de cidades inteiras, é descrita por Félix de Azúa, quando fala de Barcelona e diz que a simulação de seu centro histórico, segundo a imagem (quase sempre mais televisiva e fílmica que histórica) da burguesia decimonônica, responde à nostalgia melancólica de uma Idade de Ouro que nunca existiu. Ao passear pela Barcelona “gentrificada”, diz ainda esse autor, nos movemos pelo cenário da última classe social realmente privilegiada, sem ter de suportar as greves, os atentados e o gangsterismo empresarial. Seu espectador ideal é o turista, categoria que inclui o habitante da cidade, do qual se espera um comportamento turístico diante das “novidades” que vão inventando, em um duo sem fissuras, as empresas e os municipais. No mesmo sentido, poderíamos falar do simulacro chamado “festas populares”, desenhadas desde os escritórios municipais com toda precisão para provocarem alegria “espontânea”.²

São cidades desenhadas para as câmaras e para atender a desejos e fantasias dessa matéria-prima que é a onda de turistas. Do encontro de todos esses desejos, de todos esses pontos de vista, a cidade vai-se transformando, produzindo, iluminando, reabilitando, maquiando, fantasiando, adotando símbolos universais de consumo, para sobreviver no mundo do espetáculo e do entretenimento. E a imagem media as relações sociais.³

Não se trata de classificar toda reconstrução, recuperação e restauro de qualquer área da cidade como simulacro, mas aquelas cuja principal justificativa é econômica, em busca do lúdico e do entretenimento. O processo de simulação pode ser definido como o ocultamento e o mascaramento dos problemas práticos e reais da moradia de seus habitantes e dos conflitos sociais.⁴ Mas não são apenas as cida-

des com densidade histórica que vêm passando por esse processo de simulação e desrealização. No outro extremo, encontram-se os novos condomínios fechados.

Os condomínios fechados

No Brasil, esse fenômeno teve, na última década, um acelerado crescimento. Em Salvador, foram construídos dezenas de condomínios fechados, especialmente no litoral norte, numa mistura entre o primeiro Alphaville de São Paulo e urbanizações como *Celebration* e *Sunside*. Essa área da cidade é constituída por um entramado de dezenas de quilômetros de ruas residenciais horizontais, sem um centro definido, contando com pequenos centros comerciais e de serviços, que não se sabe como definir: como novas cidades ou meras áreas suburbanas.

No caso brasileiro, o precursor dos condomínios fechados foi o Alphaville (1974) de São Paulo, situado em Barueri, a aproximadamente 30km da região dos Jardins (um dos bairros da classe mais abastada), e conta hoje com uma população de 30.000 habitantes. Suas cópias se espalharam como uma rede por diversas cidades. Hoje, segundo o *site* do AlphaVille Urbanismo, entre os construídos e os em fase de projeto, somam-se 35 empreendimentos situados em 17 estados brasileiros.

O nome, segundo seus empreendedores, não é uma referência ao filme (1965) de mesmo nome, de Jean-Luc Godard.⁵ Numa espécie de ato falho, que expressa o dado inconsciente do empreendimento, o nome não deixa de ser uma referência fundamental que sintetiza a idéia principal do filme, ou seja, um modo de viver na metrópole a partir de outras relações sociais que têm, no controle dos seus habitantes, um de seus aspectos mais importantes. Nesse sentido, a sua forma mais refinada pode ser encontrada nas duas cidades americanas anteriormente citadas.

O Alphaville Salvador (para falar apenas desse caso), localizado na Avenida Paralela, no trecho entre a avenida e a orla, lançado em 2002, é um condomínio fechado de alto luxo, com total infra-estrutura de lazer e segurança armada 24 horas (segundo a publicidade de agências imobiliárias), situado numa área de 1.330.515.00 m². São 412 lotes residenciais e 51 comerciais, que foram vendidos em 48 horas.

Apesar de *Celebration* e *Sunside* constituírem um tema já muito estudado pelos especialistas, vale a pena lembrar um de seus princípios urbanísticos, que determina aspectos do comportamento de seus moradores, porque, apesar das diferenças volumétricas, estilísticas e estéticas das casas, alguns desses princípios estão sendo adotadas no Alphaville Salvador, como, por exemplo, certos itens de uma espécie de código de conduta.

Celebration Community Development District (CCDD), como sabemos, é uma enorme propriedade particular construída por uma empresa da *The Walt Disney Company*, e que, em julho de 1996, inaugurou sua primeira fase, com a adoção dos princípios do *New Urbanism*.⁶ Essa urbanização conta com lojas, bancos, correio, teatro, cinema, restaurante, igreja, escola, bombeiros, hospital, campo de golfe, quadras de tênis, hectares de parques e jardins, quilômetros de ruas para caminhar ou andar de bicicleta, prevalecendo jardins bem cuidados, ruas largas e bem sinalizadas, parques arborizados, e muito mais. As fachadas das casas devem seguir modelos pré-aprovados, cujos estilos da arquitetura americana do século XIX foram indicados como os que melhor traduziam o espírito desse país.

Numa espécie de servidão voluntária, seus usuários seguem muitas regras. Há um código que regula qual deve ser não apenas a cor de cada casa, mas também das cortinas. A menos que seja branca, a cor da casa não pode ser igual à de outra na mesma rua, a não ser que haja três casas de distância entre elas. As cortinas, nas janelas que dão para a rua, devem ser brancas ou em tons de branco. A grama deve estar sempre bem cortada, e os adornos que o morador pretenda colocar no jardim devem ser aprovados pela administração de *Celebration*. Destaque-se ainda que, ao adquirir uma casa nessa comunidade, o morador assina um termo de compromisso em que consta que ele deve empenhar-se em manter o espírito da comunidade.

O que se pretende com esse modelo é recriar uma forma de vida de vizinhança, segundo seus idealizadores, que não tenha nem a promiscuidade dos centros urbanos em decadência, nem o isolamento dos casarões nos subúrbios. É uma vida consagrada à "magia da Disney", na qual os habitantes – quase todos brancos – compartilham comemorações, nesse modelo arquitetônico e urbanístico que se dirige ao imaginário americano da sociedade perfeita, sem violência ou, pelo menos, longe da violência dos grandes centros urbanos como NY e Los Angeles, pois o alto valor do metro quadrado impossibilita o acesso a uma residência por parte de pessoas das classes mais pobres. Alguém apontou que, em urbanizações como essas, faltam apenas a maternidade e o cemitério. Entende-se, assim, por que *Celebration* é chamada também de "a bolha".

Muitas são as críticas ao modelo *Celebration*, *Sunside*, *Alphaville*. A segregação espacial cria barreiras físicas, sociais e culturais com o entorno e com o restante da cidade. Além de uma série de aspectos jurídicos que envolvem esse tipo de condomínio, ele privatiza espaços que devem, por excelência, ser públicos, criando obstáculos ao direito à cidade.⁷ Simula espaços da classe média norte-americana, ou seja, ilusoriamente sem conflitos sociais, construindo, em muitos casos, casas copiadas de estilos históricos americanos e europeus. Seus moradores devem seguir também, até onde foi possível averiguar, um código de conduta que os leva a

pedir aprovação para, por exemplo, o corte de mais árvores, o mobiliário dos jardins e a cor das casas. Isso também pode ser constatado em outros condomínios.

Há, pelos menos, alguns fatores que delineiam esse panorama: o transbordamento das grandes cidades; o declínio dos princípios do Movimento Moderno; o fim das utopias (defendido pela direita conservadora); uma nova metamorfose do capitalismo (sociedade e economia de consumo), e a cultura da violência e do medo (especialmente no Brasil).

Desde os anos 70 que a noção de anticidade⁸ é utilizada para denominar uma situação que se vinha produzindo, particularmente nas zonas denominadas de subúrbios nos Estados Unidos. Nelas, o que se via era a construção horizontal de extensas áreas de casas unifamiliares e de baixa densidade. O fenômeno, que se vem verificando desde então, e cuja tendência é aumentar, é a transformação paulatina daquele país em uma rede de extensas áreas suburbanas, onde predomina o automóvel particular, separadas entre si por territórios despovoados. As casas isoladas criam um universo privado, onde a rua e os parques são desprezados como ponto de encontro e lugares de descanso e lazer, pois os únicos espaços públicos são pouco mais que os shoppings e as áreas de serviços das autopistas.

A denominação de anticidade decorre do fato de que esse universo constituía-se como uma configuração social e espacial que destrói as qualidades que caracterizam a cidade: sua morfologia e sua urbanidade. A destruição da cidade aqui quer dizer, também, a destruição do urbano, entendido como um modo, estilo ou forma de vida que se opõe, radicalmente, ao rural e campesino, cuja característica principal é oferecer espaços civilizatórios e socializadores.

Assim, a constatação de que as pessoas habitavam em metrópoles que apresentavam escala e complexidade nunca antes vistas ou imaginadas pelo homem leva os habitantes da cidade, isso há décadas, a vê-las como disformes, não-diferenciadas, dispersas, e onde a qualidade foi cedendo lugar à quantidade. Hoje, entre os estudiosos do tema, os termos pós-cidade, não-cidade, pós-urbano são utilizados para referirem-se às megalópoles cuja extensão e proporção superam as até então conhecidas. Pode-se citar o exemplo da megalópole do entorno de Hong Kong, onde se está formando uma das principais configurações financeiras e comerciais do mundo, dotada de cinco aeroportos e prevista para uma população de cerca de 50 milhões de pessoas.

Nessa configuração espacial, nem os limites nem a história têm importância. E pergunta-se: irracionalidade? Quer dizer, sua explicação parece inacessível ao entendimento humano. Ou super-realidade? Ou seja, tenha ou não uma explicação racional, é um fato, independentemente da representação que formamos dessa realidade.

Cópia, simulacro, virtualidade real

O que chama a atenção, nessas urbanizações, como Celebration, Sunside e Alphaville, é que não se destinam apenas a atender às necessidades práticas e tradicionais dos seus habitantes. Não é que anteriormente as cidades se destinassem apenas a essas necessidades práticas. O que se quer dizer é que as necessidades simbólicas mudaram. Suas configurações e formas arquitetônicas e urbanísticas, julgadas a partir de certo modelo hermenêutico platônico, que opõe verdade e ficção, aparência e verdade, realidade e cópia, como se pode ler no conhecidíssimo Livro X de *A República*, parecem não fazer mais o menor sentido. Com essa separação, o filósofo nos leva a pensar na relação entre modelo e cópia, sugerindo que os artistas miméticos, os que fazem as cópias, deveriam ser desterrados da cidade, por considerá-las ilusórias e, portanto, perigosas. Por isso é tão difícil entender que hoje a cópia, a imitação ou a simulação assumiram outro estatuto ontológico, têm outro valor, comparável ao de seu "original".

Vê-se como, nesse processo de 'trumanização'⁹, a cópia e a imitação referem-se às construções que imitam imagens da TV e dos filmes, porém a origem do nosso desconcerto é que essas construções ou simulacros são *verdadeiros*, quer dizer, são habitados. Na atual dispersão e metástase das metrópoles, obras que copiam, simulam, espetacularizam e desrealizam são utilizadas para qualificar urbanizações que simulam cenários cinematográficos ou televisivos.



A morfologia das residências individuais repetidas que compõem os condomínios horizontais fechados, que vemos estender-se nas periferias metropolitanas, pretendem criar espaços sem conflitos, distantes daquele ritmo e nervosismo típicos



Figura 6
Starmedia. The Truman Show. 1 foto, color.
Disponível em:< <http://orbita.starmedia.com/~necrose/Sci-Fil/Filmes/truman5.jpg>>
Acesso em: 14 maio 2007

da metrópole e do urbano, e funcionam como máquinas de simplificar e sossegar seu morador. Abole-se a diversidade não apenas arquitetônica, funcional, mas também humana, ao gerar um processo de especialização, que é o contrário da cidade e da socialização da vida urbana.

Seguindo os princípios e características do "estilo de morar Alphaville", em Salvador foi lançado, dentro desse condo-



mínio, o Morada dos Príncipes, ou seja, o privado dentro do privado. Esses nomes, sabemos, não são inocentes: são símbolos, em uma economia onde a arquitetura e o urbanismo estão a serviço não de necessidades práticas de moradia, mas para atender a desejos de diferenciação social, de distinção, não apenas em relação àqueles que não têm dinheiro, mas dos que não têm nobreza, quintessência da distinção. Desconheço estudos, sociológicos ou antropológicos, que tenham sido feito sobre os nomes dos edifícios e condomínios de Salvador, pois, a olhos vistos, percebe-se que um grande número deles começa com o nome "Mansão", "Palazzo" (Reale ou Imperiale) ou são escritos em inglês ou francês. Algo instigante.

Veja-se um dado que estarrece: Salvador – com cerca de dois milhões e quatrocentos mil habitantes – tem, aproximadamente, 80% de sua malha urbana constituída por bairros populares e favelas, onde vive, predominantemente, uma população afro-descendente. É como um contraponto a essas longas extensões, o oposto da cidade com limites, ordenável e controlada, que vêm sendo construídos esses condomínios fechados, inspirados, como dissemos, no padrão residencial norte-americano. Eles surgiram, inicialmente, em torno das grandes cidades, que cresceram e se transmutaram em longas extensões sem centro, como espaços que carecem de localização precisa, e cuja configuração – ou forma – parece indeterminável, abstrata, homogênea, a que os especialistas chamam de *sprawl city*. Atualmente, essas áreas residenciais suburbanas, que se esparramam como grama em torno dos aeroportos e dos grandes cruzamentos de autopistas, ou em alguns casos de centros de alta tecnologia, equivalem ao que significavam antes os portos, e depois, na época industrial, nas cidades européias, as estações de trem.

O êxito dos condomínios privados ou a construção de cidades como *Celebration e Sunside*, ainda que pareçam uma ficção, equivale, pelo menos em parte, à obtenção de uma localização no espaço, o que pode ser confirmado pelos habitantes do Alphaville-SP, que, perguntados onde moram, não dizem em São Paulo, mas em Alphaville.

No Brasil, encontramos esse processo, guardadas todas as diferenças, nas periferias das grandes cidades que crescem como extensão amorfa e quase infinita. Salvador tem um tecido urbano constituído por grandes áreas formadas por habitação popular e favelas, que se estendem até o litoral sul ao longo da Av Afrânio Peixoto (Suburbana) até Paripe e São Tomé, e no chamado "miolo", entre a Av. Paralela e a BR-324.

O Alphaville Salvador tem muro alto, vigilância 24 horas, para, segundo seus promotores, oferecer segurança a seus moradores. Em seu entorno próximo, está o Bairro da Paz, onde vive uma população humilde e de baixíssima renda. A Fundação Alphaville, segundo sua administração, está desenvolvendo projetos sociais nesse bairro, como ensinar artesanato de bijouterias (ver fotos no *site* do Alphaville



Figura 6
Lissonger, André. *Condomínio Flamingos Paradise*. foto, original em cores.



Figura 7
Lissonger, André. *Condomínio Flamingos Paradise*. foto, original em cores.

Salvador), e, principalmente, conscientizar seus moradores sobre o valor da ecologia e da preservação da mata. Ironia?

Alphaville vende a ideia de habitar em uma área remanescente de Mata Atlântica (assim como Reserva Imbassaí, Paradiso Laguna, Horto Florestal, Garden Ville¹⁰, entre outros com forte apelo ecológico), mas desmata em cada lote situado nos morros, que são APP, 37% da vegetação, pois, na verdade, aquilo que um reduzidíssimo número de pessoas compra é a destruição dessa mata, que estava inserida no do tecido urbano, mas cujo percentual de devastação rompeu, para sempre, seu já muito frágil ecossistema. Todo esse processo está sendo autorizado pelos órgãos públicos licenciadores.¹¹ Segundo o Grupo Ambientalista da Bahia, que defende a área como de interesse social e de utilidade pública,

o argumento de um técnico de um desses órgãos parte do princípio de que “o homem é incompatível com o meio ambiente”.¹²

Talvez seja necessário concluir que não se compra, nesse caso, apenas uma casa, mas se consome uma ilusão, um simulacro. A mata foi substituída pelo *slogan* e pela imagem construídos pela propaganda imobiliária. Dela ficou apenas a imagem do que um dia foi. E, dada a atual questão ambiental, é necessário pensarmos sobre o processo de substituição da realidade por sua imagem, e a ilusão e o preço das coisas. Não consumimos apenas mercadorias, mas valores e princípios. Alphaville Salvador é um exemplo paradigmático do sucesso dessa substituição e, por isso, sem dúvida, ganhou o Prêmio “Top de Ecologia 2004”, junto com o Alphaville Fortaleza, concedido pela Associação de Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil (ADVB).¹³

O estilo de vida Alphaville, segundo a publicidade de seus empreendedores, proporciona contato com a natureza, lazer, convivência entre vizinhos, aliados a conforto e segurança, traduzidos em termos de marketing, como "qualidade de vida", tais são os denominados valores agregados, como se pode ler no seu *site*.

São urbanizações que parecem fora do tempo e do entorno, liofilizadas, embaladas a vácuo, congeladas, projetadas para proteger seus habitantes da violência, da miséria do entorno, das balas perdidas, dos meninos dos semáforos, dos pedágios dos sem-teto. Vendem *felicidade*, como na Disney, e parece não haver mercadoria mais cara para aqueles que, segundo a publicidade, podem comprá-la.

Se a cidade ainda é o centro da memória e da civilização humana, ela materializa a imagem de suas recordações, poderes, lutas, conflitos e temores. O que se reflete hoje, com essa virtualização e desrealização, nesse espelho privilegiado? A imagem do desejo, melhor dito, do vazio, fundo do desejo.

Elyane Lins Corrêa é Doutora Arquiteta pela Universidad Politécnica de Cataluña e professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

Notas

- ¹ VENTURI, Robert. *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- ² AZÚA, Félix. *La arquitectura de la no-ciudad*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, 2005.
- ³ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ⁴ SORKIN, Michel. *Nos vemos en Disneylândia*, In *Variaciones sobre un parque temático*. Barcelona: GG.
- ⁵ TEIXEIRA, Carlos. *Alphaville e Alphaville*. In: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos>>. Acesso em: 25 abr.2007.
- ⁶ LARA, Fernando Lara. *Admirável urbanismo novo*. In: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos>>. Acesso em: 25 de abril de 2007.
- ⁷ SILVA, Maria Floresia Pessoa de S. *Condomínios horizontais: contribuições para uma revisão crítica*. In: Anais do XI ENA, ANPUR, Salvador, 2005.
- ⁸ MUNDORD, Lewis. *A cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Cap. XVI)
- ⁹ Segundo a expressão de André Lissonger, na palestra "Salvador: a mega-máquina desejante", no curso de Extensão Salvador: Arquitetura e cidade contemporânea, FAU-UFBA, abril de 2007. Nesse mesmo curso, as palestras de Alejandra Munoz e de Anete Araújo analisaram outros exemplos de condomínios fechados que serão construídos em Salvador.
- ¹⁰ O Garden Ville e o Alphaville 2 serão construídos dentro do Alphaville.
- ¹¹ A aprovação do "Loteamento Alphaville Salvador" foi feita pelo Decreto Nº 13.466 de 28 de dezembro de 2001. In: <<http://www.Documents and Settings\Administrador\Meus documentos\317-LOT-ALPHAVILLE>>. Acesso em 7 de maio de 2007.
- ¹² GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA. In: <<http://www.gamba.org.br/avenida5>>. Acesso em: 7 de maio de 2007.
- ¹³ VALE VERDE - Associação de Defesa do Meio Ambiente. In: <<http://www.valeverde.org.br>>. Acesso em: 7 de maio de 2007.